



Concepção de linguagem, de texto e de gêneros discursivos na formação inicial do professor de Língua Portuguesa: um estudo de cursos de licenciatura em Letras

Language, text, and speech genres conceptions in the initial formation of Portuguese Language teachers: a study of Arts Language courses

Tatiana Fasolo Bilhar*

Terezinha da Conceição Costa-Hübes**

RESUMO: Em 2008, no Paraná, publicaram-se as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE). Esse documento, ainda vigente, orienta um ensino de Língua Portuguesa (LP) norteado pelas ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin: centrado na concepção dialógica de linguagem e no trabalho com os gêneros discursivos. No entanto, para efetivarem a proposta, os professores devem receber, desde a graduação, uma formação coerente com tais propósitos. Assim, esta pesquisa analisa dois cursos de Letras de uma universidade pública do Paraná buscando responder: *que diálogo existe entre os Projetos Político-Pedagógicos dos cursos e os planos de ensino de suas disciplinas voltadas à formação do professor de LP com o que preconizam as DCE?* Os resultados indicam que o diálogo com as

ABSTRACT: In 2008, Paraná State published the Curricular Guidelines for Basic Education (DCE). This document guides the teaching of Portuguese language (PL) by the linguistic ideas of Bakhtin Circle: focused in a dialogical conception of language and in the work with speech genres. However, in order to implement such proposal, it is necessary that PL teachers receive, since undergraduate level, a formation consistent with these purposes. Therefore, this paper analyses two Language Arts undergraduate courses from a public university of Paraná to answer: *Which dialogue is there between Political Pedagogical Project and the syllabuses of the courses aimed at the training of PL teachers according to the DCE?* The results indicate that both courses have a relationship with the DCE, but in a

* Doutoranda em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), bolsista Capes. ORCID: 0000-0002-0143-3321. E-mail: tatianabilhar@gmail.com.

** Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). ORCID: 0000-0002-9063-7982. E-mail: tehubes@gmail.com.

DCE é distinto nos dois cursos. O primeiro se pauta pela concepção de linguagem das DCE e algumas disciplinas não só discutem sua proposta de ensino como propõem o estudo dos gêneros nos moldes bakhtinianos. O segundo, embora se pautem pela mesma concepção de linguagem, adota um eixo organizador para as disciplinas contrário aos pressupostos bakhtinianos para o estudo da língua. Assim, o diálogo se dá mais no sentido de discutir a proposta das DCE do que de nortear as disciplinas por suas concepções.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial. Concepção interacionista e dialógica de linguagem. Texto-enunciado. Gêneros discursivos.

different way. The first course is guided by the same language conception of the DCE and some of its disciplines not only discuss the document's proposal, but also propose a study of the speech genres in a Bakhtinian approach. The second course is based on the same language conception, but adopts an organizing axis for the disciplines contrary to the Bakhtinian premises for the study of language. Therefore, the dialogue is more in the sense of discussing the DCE proposal than to guide the disciplines by its conceptions.

KEYWORDS: Initial formation. Interactionist and dialogical language conception. Utterance. Speech genres.

1. Introdução

A partir da década de 1980, de acordo com Costa-Hübes (2011), com a reabertura política do Brasil e a possibilidade da efervescência de discursos antes sufocados pela Ditadura Militar, as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin passaram a ser discutidas nas academias brasileiras e começaram, gradativamente, a influenciar os estudos linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa (doravante, LP) em nosso país.

Contraopondo a dois vieses distintos sobre a compreensão da linguagem, um cognitivista e outro estruturalista, Bakhtin e o Círculo passam a defendê-la como “[...] um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014 [1929], p. 132). A linguagem passa a ser entendida, então, como fruto e meio das relações sociais nas quais os falantes atuam como sujeitos sócio-historicamente situados, e a interação verbal, como a realidade existencial da língua.

Essa concepção – que entende a linguagem como meio de interação dos sujeitos – passou a ser relacionada ao ensino de LP no Brasil a partir da década de 1980 e a

figurar nos documentos pedagógicos oficiais nos anos de 1990. Em 1998, publicaram-se os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (de ora em diante, PCN), que se pautaram por essa perspectiva teórica e reconheceram como objeto de ensino de LP os gêneros textuais (BRASIL, 1998) na perspectiva do Interacionismo Sócio-Discursivo de Bronckart (2003).

Dez anos mais tarde, no estado do Paraná, local de realização desta pesquisa, houve a publicação das *Diretrizes Curriculares para a Educação Básica – Língua Portuguesa* (doravante, DCE), documento que ainda hoje orienta a prática pedagógica dos professores. As DCE (PARANÁ, 2008) trazem reflexões sobre a linguagem com base, principalmente, nas ideias do Círculo de Bakhtin e apontam para os gêneros do discurso como ferramentas para o ensino de LP.

Sendo, portanto, um documento norteador do ensino de LP, entendemos que deveria ser observado/contemplado/considerado pelas Instituições de Ensino Superior do estado ao formularem o currículo de seus cursos de licenciatura em Letras. Afinal, para atuarem em consonância com o documento, é necessário que os professores recebam, desde a sua formação inicial, aporte teórico nessa direção.

Ao considerar o que preconizam as DCE (PARANÁ, 2008), é importante que os futuros professores, a fim de atender minimamente às suas orientações, compreendam sua concepção de linguagem, que inclui os conceitos de ideologia, enunciado, discurso e dialogismo; de texto, visto na sua condição de enunciado; e de gêneros discursivos e seus elementos constituintes – conteúdo temático, estilo e construção composicional – relacionados à sua dimensão extraverbal, uma vez que toda a proposta de ensino de LP orientada pelo documento se sustenta no “[...] discurso como prática social” (PARANÁ, 2008, p. 63) e nos gêneros como ferramentas para o ensino e aprendizagem da linguagem.

Assim, neste artigo, que apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado desenvolvida entre os anos de 2016 e 2018, voltamos nosso olhar para a formação

inicial do professor de LP, analisando dois cursos de licenciatura em Letras ofertados por uma universidade pública do estado de Paraná¹ na expectativa de responder à seguinte questão: *existe um diálogo entre os Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) dos cursos e os planos de ensino de suas disciplinas voltadas à formação do professor de LP com o que preconizam as DCE?*

Buscamos, dessa forma, por meio da análise de seus PPPs² e de planos de ensino de disciplinas que se voltam para a formação do professor de LP dos cursos selecionados, a identificação da concepção de linguagem, de texto e de gêneros discursivos subjacentes a essas licenciaturas. O objetivo é observar se há um diálogo entre os cursos e as orientações das DCE (PARANÁ, 2008), de forma que possibilitem aos seus acadêmicos o suporte para o trabalho pedagógico em consonância com o documento. Entendemos que, com esse propósito, estaremos contribuindo, de alguma forma, para que se reflita também sobre o ensino de LP na Educação Básica do estado.

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e interpretativista, que se inscreve na Linguística Aplicada – LA e cuja base teórica centra-se, essencialmente, nos estudos de Bakhtin e de seu Círculo. A investigação conta com uma análise documental e seu *corpus* é constituído pelo PPP de cada curso e por oito planos de ensino dos cursos selecionados.

Para dar conta do proposto, este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: primeiro, discutimos a concepção de linguagem, de texto e de gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin, conceitos essenciais para compreender a proposta de ensino das DCE (e que se constituem em nossas categorias de análise), e discorreremos sobre a proposta de ensino destas; em seguida, tratamos da metodologia

¹ Ambos os cursos pertencem à mesma instituição pública de ensino superior, mas são ofertados em *campi* distintos. A fim de preservar a identidade dos cursos analisados e da universidade a que pertencem, nós os trataremos aqui apenas como Curso 1 e Curso 2.

² Os PPP serão tratados como PPP1 e PPP2.

adotada na pesquisa; por fim, apresentamos as análises a partir dos dados gerados pelos documentos dos cursos.

2. Algumas ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin

O Círculo de Bakhtin, grupo de intelectuais russos que manteve encontros informais, mas regulares, entre os anos de 1919 e 1929, desenvolveu importantes reflexões filosóficas sobre as relações entre a linguagem, o homem e a sociedade, apresentando-nos a uma concepção interacionista e dialógica de linguagem.

Na visão de Volochinov e do Círculo, a linguagem “[...] é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 141).

O homem, nessa perspectiva, é um ser sócio-historicamente situado que interage e modifica o mundo à sua volta por meio do uso da linguagem. Toda a comunicação verbal que produz – o Círculo ocupou-se especialmente da linguagem verbal – é organizada com algum objetivo e sempre leva em conta a situação de interação e o contexto histórico-social em que ela ocorre. Para Bakhtin e o Círculo, a linguagem é, portanto, social, fruto e meio da interação humana e está estreitamente ligada ao contexto em que seu uso ocorre. A língua, por sua vez, é compreendida como um fenômeno social, vivo, carregado de ideologias, em uso constante e que se modifica por esse uso.

A interação é tomada como a base existencial da língua, cujo emprego sempre ocorre por meio de enunciados que são, conforme Bakhtin e Volochinov (2014 [1929]), as unidades reais da comunicação discursiva, uma vez que promovem a interação. É por meio de enunciados, moldados em gêneros do discurso, que nos dirigimos ao outro, que pressupomos respostas, enfim, que fazemos uso da linguagem para estabelecer e concretizar o contato com o mundo.

Nesse sentido, a língua não é neutra, mas dotada de conteúdo ideológico. De acordo com o entendimento desses estudiosos, os enunciados sempre expressam um posicionamento axiológico sobre o tema do qual tratam, estabelecendo um diálogo com outros enunciados já proferidos e suscitando respostas de novos enunciados; daí sua natureza dialógica.

Assim, a enunciação, conforme os pressupostos do Círculo de Bakhtin, comporta duas faces: uma verbal e outra extraverbal. A primeira diz respeito aos recursos linguísticos utilizados na composição do enunciado. A segunda, ao contexto da enunciação, sem o qual não é possível significá-la, e às relações dialógicas que estabelece com outros enunciados – seja para concordar com eles, para negá-los, refutá-los, complementá-los etc.

Na mesma direção, o conceito de texto adotado pelo Círculo também extrapola a noção de mero material linguístico. Para Bakhtin, assim como no enunciado, há “[...] dois pólos do texto” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 309). O primeiro deles seria o “[...] sistema universalmente aceito (isto é convencional no âmbito de um dado grupo) de signos, uma linguagem [...]” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 309). Em outras palavras, não há texto oral ou escrito sem o sistema da linguagem verbal – o texto é “[...] inteiramente realizado com recursos do sistema de signos da língua” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 310) –, de modo que Bakhtin reconhece sua importância. O segundo polo diz respeito à realização do texto como acontecimento único e singular num dado contexto que o emoldura e o determina. É nesse polo que o conjunto organizado de unidades da língua passa à condição de enunciado e pode, então, ter “[...] relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história [...]” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 310). Nesse polo, o texto apresenta-se permeado de ideologia, é passível de receber respostas e estabelece relações com outros textos, isto é, com outros enunciados.

Diante dessa dupla orientação do texto, reconhecida e apontada por Bakhtin, o Círculo adota a concepção de texto como enunciado ou, conforme Rodrigues (2001),

como texto-enunciado, pois só o texto, na sua condição de enunciado, permitiria que se estudasse, por meio do material linguístico, o homem como ser social.

Trata-se do texto concebido com um caráter “semiótico-ideológico” (BRAIT, 2012, p. 13), uma vez que não desconsidera a materialidade linguística, mas aponta para o fato de que o texto não se esgota nesse aspecto, avançando para o campo do discurso e das relações dialógicas entre os textos-enunciados.

O estudo da língua, nessa perspectiva, deve partir primeiro da análise da situação social de interação que está sendo mediada pelo texto (ferramenta de estudo), para só depois voltar-se ao linguístico e à sua composição, pois “Cada tipo de intercâmbio comunicativo [...] organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação, sua estrutura tipo, que chamaremos a partir daqui de gênero” (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 159).

Assim, conforme a situação de interação, que inclui a esfera comunicativa em que se realiza, os textos-enunciados sempre se moldam em um ou outro gênero do discurso, os quais, conforme Bakhtin (2011 [1979]), possuem em comum conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Os gêneros são compreendidos pelo Círculo como formas típicas de composição dos textos-enunciados constituídas no processo de interação humana em suas diferentes esferas de atividade e organizam o discurso no interior dessas esferas. Cada gênero pressupõe uma finalidade discursiva, comporta determinados temas, apresenta uma forma composicional e um estilo próprio, de modo que, quando queremos dizer algo, consideramos a situação social de comunicação em que estamos engajados e escolhemos o gênero mais adequado para moldar o discurso.

Há, portanto, um “vínculo orgânico” (FARACO, 2009, p. 126), ou “vínculo intrínseco” (FIORIN, 2016, p. 68), entre as atividades humanas e os usos que fazemos da linguagem verbal. A língua está em estreita relação com o contexto de seu uso, com

a situação de interação na qual produzimos os textos-enunciados moldados em algum gênero.

Da mesma forma como as atividades humanas e as formas de interação se modificam com o passar do tempo, os gêneros também o fazem. É por isso que Bakhtin afirma que são “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261), pois o filósofo da linguagem reconhece sua historicidade, caracterizando-os como “[...] correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 268). Isso significa dizer que não produzimos gêneros; eles nos são dados historicamente, já se encontram na sociedade. O que produzimos são textos-enunciados que se moldam, se organizam em um gênero discursivo.

Os gêneros são vistos não apenas como o produto de interações sociais típicas, mas como formas de estudar e compreender o processo social de interação dentro de uma esfera comunicativa em dado contexto histórico. Para esse estudo, Bakhtin e Volochinov propõem a seguinte ordem metodológica, que ficou conhecida como método sociológico:

As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014 [1929], p. 128-129).

Trata-se de estudar a língua partindo, primeiro, da análise da situação comunicativa e do contexto de produção do texto-enunciado, para só depois realizar uma análise de sua organização e das formas linguísticas utilizadas em sua composição.

Para o Círculo de Bakhtin, portanto, a linguagem é forma e meio de interação e sua natureza é essencialmente dialógica. A língua não é neutra e seu uso se concretiza

em textos-enunciados que não podem ser compreendidos se os dissociarmos de seu contexto de produção. Nossos textos-enunciados, conforme a situação interativa de comunicação, sempre se moldam em gêneros discursivos.

Essa compreensão de linguagem defendida pelo Círculo influenciou/ influencia o ensino de línguas. No Brasil, os estudos bakhtinianos passaram a ser discutidos principalmente a partir da década de 1980 e fizeram emergir uma nova postura para o ensino de LP, que culminou na publicação dos PCN (BRASIL, 1998) e, mais tarde, das DCE (PARANÁ, 2008), cuja proposta discutimos a seguir.

2.1 A proposta de ensino das DCE

As DCE foram publicadas em 2008, e, conforme explicita o próprio documento, são fruto de um longo processo de discussão coletiva sobre a educação que envolveu professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná entre os anos de 2004 e 2008. Logo após sua publicação, o documento foi distribuído nas escolas do estado com o objetivo de fundamentar e orientar a prática pedagógica dos docentes e está vigente até o momento.

No documento da disciplina de LP, as DCE compreendem a linguagem como acontecimento social e ideológico. Para as DCE, “[...] a linguagem é vista como fenômeno social, pois nasce da necessidade de interação (política, social, econômica) entre os homens” (PARANÁ, 2008, p. 49). Já que é tomada como forma de interação entre os homens, o foco não está nas formas linguísticas, mas no processo de interação e no contexto em que ele se realiza.

Nas aulas de LP, propõe-se que professores e alunos se debruçam sobre o texto-enunciado, extrapolando suas análises para o contexto extraverbal em que ele foi produzido. Afinal, “Ensinar a língua materna, a partir dessa concepção, requer que se considerem os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido, bem como o

contexto de produção do enunciado, uma vez que seus significados são sociais e historicamente construídos” (PARANÁ, 2008, p. 49).

O documento reconhece que o emprego da língua se efetua em enunciados, entendidos na mesma concepção de Bakhtin e seu Círculo, e que os significados construídos por eles dependem de seu contexto de produção. Assim, orienta um ensino que leve em conta a dimensão social do uso da língua para dar-lhe sentido(s).

Nessa direção, “As Diretrizes ora propostas assumem uma concepção de linguagem que não se fecha na sua condição de sistema de formas [...], mas abre-se para a sua condição de atividade e acontecimento social, portanto estratificada pelos valores ideológicos” (PARANÁ, 2008, p. 49). Podemos afirmar, então, que a concepção de linguagem das DCE é interacionista e que o documento, alinhado às teorias bakhtinianas, entende que a língua em uso sempre é permeada por ideologias.

As DCE defendem que a linguagem é dialógica, entendimento que fica claro no modo como o documento compreende o texto:

[...] é necessário ampliar o conceito de texto, o qual envolve não apenas a formalização do discurso verbal ou não-verbal, mas o evento que abrange o antes, isto é, as condições de produção e elaboração; e o depois, ou seja, a leitura ou a resposta ativa. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo. O texto ocorre em interação e, por isso mesmo, não é compreendido apenas em seus limites formais [...]. Assim, temos que um texto não é um objeto fixo num dado momento no tempo, ele lança seus sentidos no diálogo intertextual, ou seja, o texto é sempre uma atitude responsiva a outros textos, desse modo, estabelece relações dialógicas (PARANÁ, 2008, p. 51).

O texto, conforme podemos inferir do trecho acima, é compreendido na sua condição de enunciado. Logo, está além dos limites das formas linguísticas, pois engloba o contexto histórico-social e a situação de interação em que foi produzido, bem como as relações dialógicas que estabelece com outros textos-enunciados. O

documento, portanto, reconhece os dois polos do texto (sistema e enunciado) apontados por Bakhtin (2011 [1979]) em relação de interdependência.

Além disso, aponta para o dialogismo constitutivo da linguagem, já que considera que todo texto-enunciado está em diálogo com outros textos-enunciados: ele é uma resposta aos que vieram antes e pressupõe respostas dos que virão depois. O falante sempre adota uma atitude responsiva ativa quando em contato com outros textos, de modo que “[...] os nossos enunciados são heterogêneos, uma vez que emergem da multidão das vozes sociais” (PARANÁ, 2008, p. 52).

Nessa concepção de linguagem e de texto, destaca-se, no documento, o “[...] discurso como prática social” (PARANÁ, 2008, p. 63), como conteúdo estruturante da disciplina de LP. Nessa direção, o que o documento propõe é um ensino que desloque o foco da materialidade linguística para o processo de interação e para os sentidos históricos e sociais construídos nele; que se volte para os enunciados os discursos que materializam a linguagem; e que reconheça as relações dialógicas entre os textos-enunciados.

Assim, as DCE propõem um ensino que busque “[...] aprimorar os conhecimentos linguísticos e discursivos dos alunos, para que eles possam compreender os discursos que os cercam e terem condições de interagir com esses discursos” (PARANÁ, 2008, p. 50). O foco do ensino é discursivo. Seu objetivo é que extrapole o estudo das estruturas da língua, e possibilite ao estudante o domínio da linguagem em situações de interação diversas, para que tenha condições de constituir-se como sujeito participativo na sociedade letrada, reconhecendo as vozes sociais que o cercam e tendo condições de se posicionar criticamente em relação a elas.

Partindo desse conteúdo estruturante, o documento orienta que “A língua será trabalhada, na sala de aula, a partir da linguagem em uso [...]. Assim, o trabalho com a disciplina considerará os gêneros discursivos que circulam socialmente, com especial atenção àqueles de maior exigência na sua elaboração formal” (PARANÁ, 2008, p. 63).

Para isso, orienta o trabalho com os gêneros do discurso em sala de aula. Esse trabalho é importante, pois, conforme o documento:

O aprimoramento da competência linguística do aluno acontecerá com maior propriedade se lhe for dado conhecer, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos. O trânsito pelas diferentes esferas de comunicação possibilitará ao educando uma inserção social mais produtiva no sentido de poder formular seu próprio discurso (PARANÁ, 2008, p. 53).

Tal orientação vai ao encontro da perspectiva bakhtiniana quando defende que falamos e interagimos sempre por meio de gêneros; todos os enunciados se moldam em um gênero discursivo. Logo, para trabalhar a língua em uso, é preciso trabalhar com textos-enunciados de gêneros diversos. De acordo com Bakhtin (2011 [1979]), quanto melhor dominarmos os gêneros, mais livremente os empregaremos para concretizar nosso projeto de dizer.

Quanto à concepção de gêneros do discurso que as DCE adotam, é, em consonância com as teorias do Círculo de Bakhtin, a de “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados” (PARANÁ, 2008, p. 52). O documento entende que “[...] os gêneros variam assim como a língua – a qual é viva, e não estanque” (PARANÁ, 2008, p. 52). Foca, portanto, no processo de interação e no contexto histórico-social em que surgem e são produzidos os gêneros e não apenas em seus três elementos: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Orienta que, em qualquer trabalho em sala de aula, a perspectiva primeira deve ser sempre a do discurso, observando o contexto de produção, o valor ideológico dos enunciados, seu autor e interlocutor, os sentidos criados e situados sócio-historicamente, conforme podemos conferir no trecho que segue.

Ao trabalhar com o tema do gênero selecionado, o professor propiciará ao aluno a análise crítica do conteúdo do texto e seu valor ideológico, selecionando conteúdos específicos, seja para a prática de leitura ou de

produção (oral e/ou escrita), que explorem discursivamente o texto. A forma composicional dos gêneros será analisada pelos alunos no intuito de compreenderem algumas especificidades e similaridades das relações sociais numa dada esfera comunicativa. Para essa análise, é preciso considerar o interlocutor do texto, a situação de produção, a finalidade, o gênero ao qual pertence, entre outros aspectos. As marcas linguísticas também devem ser abordadas no trabalho com os gêneros, para que o aluno compreenda os usos da língua e os sentidos estabelecidos pela escolha de um ou de outro elemento linguístico (PARANÁ, 2008, p. 64).

Nesse trecho, o documento assume a orientação do método sociológico proposto por Bakhtin e Volochinov (2014 [1929]) para o estudo da língua, apontando que o trabalho com os gêneros nas aulas de LP deve articular as análises de sua dimensão social com a sua dimensão verbal. As escolhas temáticas, composicionais e linguísticas dos textos-enunciados dos diferentes gêneros, nesse caso, devem ser entendidas como resultado de um projeto de dizer de um sujeito situado sócio-historicamente.

A proposta de ensino apresentada pelas DCE é subsidiada pelas teorias de Bakhtin e do Círculo e voltada para as práticas sociais de uso da língua. Desse modo, concebe a linguagem numa perspectiva interacionista e dialógica, na qual o texto é tomado como enunciado e os gêneros discursivos compreendem duas dimensões interdependentes: uma extraverbal e outra verbal. Aponta para um estudo que vai além da materialidade linguística nas aulas de LP, que assume a língua como ideológica e os textos como espaços de embate de vozes sociais, buscando propiciar aos estudantes as condições para que reconheçam tais vozes e possam se posicionar diante delas nas diferentes situações de interação em que estiverem engajados.

No entanto essa proposta exige, para ser efetivada pelos professores em sala de aula, que estes conheçam as teorias de que o documento trata – compreendendo a linguagem como forma de interação, o texto como enunciado e os gêneros discursivos na perspectiva bakhtiniana – e saibam como ensinar com base nelas. Desse modo, ao

considerarmos os pressupostos bakhtinianos e suas (re)enunciações nas DCE, analisamos documentos dos dois cursos de Letras selecionados, buscando pelo diálogo entre a formação inicial que propiciam e o ensino de LP orientado pelo documento pedagógico estadual.

Nesse viés, nossa investigação inscreve-se na perspectiva teórica da Linguística Aplicada (LA), pois trata de um problema socialmente relevante de uso da linguagem: a formação de professores de LP. Para Bohn (2013), discussões sobre a formação de professores devem integrar sempre a agenda de pesquisas da LA, uma vez que, dado o papel da linguagem em nossas vidas, discutir a formação de tais profissionais significa refletir sobre os usos da língua em nossa sociedade.

No caso específico de nossa pesquisa, buscamos aprofundar o entendimento do processo de formação inicial de professores de LP, realizando uma investigação que tem por base a premissa, presente nas DCE (PARANÁ, 2008), de que ensinar LP é mais do que instrumentalizar o aluno para o trabalho com a materialidade linguística, fazendo-o compreender as muitas formas de agir sobre o mundo por meio da linguagem.

Antes de tratar das análises, contudo, discorreremos sobre a metodologia da pesquisa.

3. Metodologia

Dada sua proposta, a investigação se inscreve nas bases epistemológicas da pesquisa qualitativa e no paradigma interpretativista e é composta por uma análise documental. Seu *corpus* é formado por documentos dos cursos: seus PPP e os planos de ensino das disciplinas voltadas à formação do professor de LP³.

³ Observamos as grades curriculares dos dois cursos e selecionamos, para as análises, os planos das disciplinas voltadas ao ensino de conteúdos de LP, Linguística ou Formação Pedagógica para o ensino de línguas. Ao todo, analisamos oito planos de ensino: cinco do Curso 1 (Leitura, Escrita e Oralidade I; Gramática da Língua Portuguesa I; Estudos Linguísticos I; História da Língua Portuguesa; Pluralidade

Estabelecemos três categorias de análise: 1) Concepção de linguagem; 2) Concepção de texto; 3) Concepção de gêneros discursivos. Essas categorias são as que julgamos essenciais, dados os conceitos-chave da teoria bakhtiniana apresentados nas DCE, para observar a relação entre o documento pedagógico e os instrumentos geradores de dados.

Na primeira categoria, *Concepção de Linguagem*, buscamos, nos documentos analisados, elementos que possibilitem reconhecer a concepção que adotam, comparando-a com a das DCE, qual seja, a concepção interacionista e dialógica de linguagem em acordo com os pressupostos do Círculo de Bakhtin.

A segunda categoria diz respeito à *Concepção de Texto* adotada pelos documentos analisados em relação com a das DCE. Esse elemento é importante, pois, no caso das DCE, entende-se que “O texto ocorre em interação e, por isso mesmo, não é compreendido apenas em seus limites formais” (PARANÁ, 2008, p. 51). Esse entendimento corrobora a concepção de linguagem adotada e é base essencial para o trabalho com a LP tal qual o documento preconiza.

Por último, atentamos para a *Concepção de Gêneros Discursivos* presente nos documentos analisados, a fim de observar se os cursos trabalham e ensinam a trabalhar com os gêneros na perspectiva bakhtiniana adotada pelas DCE.

4. Análise dos dados: um olhar para dois cursos de Letras e sua relação com as DCE

Os dois cursos que selecionamos para análise são licenciaturas em Letras que pertencem à mesma universidade pública do estado do Paraná, situados em *campi*

Linguístico-Cultural, Política Linguística e Ensino) e três do Curso 2 (Fonética e Fonologia; História da Língua Portuguesa; Leitura e Produção Textual). Ressaltamos que todas as disciplinas cujos planos analisamos são ministradas no primeiro ano dos cursos. Isso porque ambas as licenciaturas tiveram seu PPP reformulado e sua implantação foi iniciada em 2017, mesmo ano de realização da pesquisa. Desse modo, dispúnhamos somente dos planos de ensino de disciplinas ministradas no primeiro ano dos cursos. Ressaltamos, contudo, que as análises das disciplinas foram complementadas com o ementário de todas as disciplinas apresentado nos PPPs.

diferentes. Tais licenciaturas, apesar de fazerem parte da mesma *instituição*, apresentam PPP, carga horária e grades curriculares distintas.

Ambos os cursos formam professores habilitados ao ensino de LP e tiveram seus projetos reformulados para atender à Resolução CNE/CP 2/2015, que, entre outras medidas, determinou carga horária mínima de 3.200 horas para os cursos de formação docente no Brasil. Assim, as duas licenciaturas aprovaram novos PPPs e grades curriculares, cuja implantação gradativa iniciou no ano de 2017.

É essa nova proposta de cada uma das duas licenciaturas que analisamos a seguir, estabelecendo relações entre a concepção de linguagem, de texto e de gêneros discursivos que lhes subsidiam e as concepções das DCE, de modo a observar que diálogo a formação inicial estabelece com o ensino proposto pelo documento pedagógico estadual.

4.1 Curso 1

O primeiro documento do Curso 1 que analisamos foi seu PPP. Na seção *Organização Didático-Pedagógica*, observamos a concepção de linguagem que subsidia o curso. De acordo com o PPP:

[...] o ensino de qualquer uma das línguas deverá estar pautado pela observância das características fronteiriças e do contexto socioeconômico em que se insere o *campus*. Isso, não no sentido de reagir às suas exigências, mas no intuito de pesquisar e produzir conhecimentos que permitam ao profissional adiantar-se às necessidades e desempenhar suas atividades com espírito crítico e com conhecimento de causa. O estudo, a produção e a compreensão de textos em seus diferentes gêneros e modalidades e a análise crítica do processo ensino aprendizagem deverão, para tanto, estar constantemente relacionados (PP1).

O que se propõe é um ensino que vá além da materialidade linguística e discuta como o contexto influencia nos usos e no ensino das línguas, para que o futuro

professor tenha condições de avaliar, criticar e questionar os conteúdos e sua prática pedagógica, desenvolvendo uma “teoria prática” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 48) na qual também se construam conhecimentos.

É possível inferir a concepção de linguagem assumida pelo PPP: ao determinar que o estudo das línguas se dê a partir da observância do contexto em que o curso e seus sujeitos se situam, podemos estabelecer relações entre o PPP, a teoria bakhtiniana e as DCE (PARANÁ, 2008). Para Bakhtin e Volochinov (2014 [1929]), o estudo da língua deve partir primeiro da análise do contexto e da situação de interação que motivou a enunciação, para só depois focar no linguístico, uma vez que o extraverbal determina o verbal. Em consonância, as diretrizes estaduais, que se pautam em Bakhtin, explicitam que:

Ensinar a língua materna, a partir dessa concepção [interacionista e dialógica], requer que se considerem os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido, bem como o contexto de produção do enunciado, uma vez que os seus significados são sociais e historicamente construídos (PARANÁ, 2008, p. 49).

Logo, ao destacar a importância de analisar/considerar o contexto em que o curso se insere para tratar do ensino das línguas, o PPP se filia à mesma concepção de linguagem assumida nas DCE.

Inferimos ainda que o documento está em acordo com as diretrizes estaduais ao orientar que o curso propicie **o estudo, a produção e a compreensão de textos em seus diferentes gêneros**. O PPP deixa entrever que reconhece que todos os textos se moldam em algum gênero e, embora não explicita gêneros discursivos ou textuais, ao pressupor um ensino de línguas que considere primeiramente o contexto, entendemos que abarca uma perspectiva discursiva, como a das DCE, partindo do extraverbal para o verbal. Nesse caso, a concepção de texto seria a mesma do documento estadual: texto-enunciado, evento único e concreto.

Essa relação torna-se mais clara quando, ao tratar da *metodologia* do curso, o PPP destaca que, apesar de contemplar em seu currículo disciplinas que permitem diferentes metodologias,

[...] o caminho metodológico traçado para o Curso é o da abordagem **interpretativista/interacionista**, tendo como referencial epistemológico a teoria dialética do conhecimento [...] a qual fundamenta a teoria histórico-cultural de Vigotski e o materialismo histórico-dialético. Nesse sentido, busca-se **a linguagem – e o sujeito da linguagem – em seu aspecto social, histórico, cultural**. Contempla-se, portanto, a opção pelo **sujeito sócio-historicamente concreto e situado, pelas perspectivas semiótico-discursivas**, pelo prisma do processo ensino-aprendizagem vigotskiano, e pelo caminho da práxis, em um **movimento dialético de apropriação dos conteúdos, dos conceitos, dos significados** (PPP1, grifos nossos).

O curso adota uma formação pautada nas teorias de Vygotsky e no materialismo histórico-dialético de Marx. Em ambos os casos, há um diálogo com a teoria bakhtiniana, que concebe a linguagem como meio de interação entre os sujeitos e considera seus aspectos sociais, históricos e culturais, adotando uma perspectiva discursiva na qual a língua é compreendida como ideológica, refletindo e refratando a realidade.

O sujeito é entendido pelo PPP como nas DCE: sócio-historicamente situado, concreto, que interpreta e age sobre o mundo por meio da linguagem. Nesse sentido, tendo em vista o viés discursivo e dialético adotado, compreendemos que fica implícita a natureza dialógica da linguagem.

O ensino-aprendizagem, desse modo, se dá pela interação, pelo diálogo entre os diferentes discursos com os quais travamos contato, por um movimento dialético e dialógico de apropriação dos conteúdos.

O documento ainda esclarece que: “Como eixo condutor de todo esse processo, encontra-se a leitura/interpretação/compreensão de textos de inúmeros gêneros discursivos – ponto de partida e de chegada de todo o trabalho em sala de aula”

(PPP1). Nessa parte, estabelece relação com o ensino de línguas como defendido por Geraldi (1997), pesquisador que compartilha da compreensão de linguagem do Círculo de Bakhtin, e considera “[...] a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua” (GERALDI, 1997, p. 135). O autor compreende o texto como uma atividade discursiva e, portanto, como um enunciado nos moldes da teoria bakhtiniana, e afirma que:

[...] é no texto que a língua – objeto de estudo – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões (GERALDI, 1997, p. 135).

O texto revela não só a estrutura da língua, a regularidade de suas formas quando em uso – polo da língua enquanto sistema –, mas também o discurso e as vozes sociais em diálogo no processo de enunciação, sendo determinado pelo contexto sócio-histórico em que a enunciação acontece – o que lhe torna um evento único, singular e concreto – polo do discurso, do texto-enunciado (BAKHTIN, 2011 [1979]). Logo, ao parafrasear Geraldi, o PPP demonstra que o colegiado do curso concorda com sua proposta de ensino e, desse modo, compreende os textos na sua condição de enunciados. Além disso, o documento aponta que o foco do ensino está nos textos de **gêneros discursivos** diversos.

O PPP, desse modo, estabelece relação de concordância com o ensino preconizado pelas DCE, permitindo entrever que a proposta de formação inicial do Curso 1 é norteadada por concepções de linguagem, de texto e de gêneros discursivos em harmonia com as do documento estadual.

Com relação às disciplinas, procedemos à análise de cinco planos de ensino, além das ementas da grade curricular do curso⁴. Como resultado, observamos que, se nem todas são subsidiadas pelas mesmas concepções das DCE – como é o caso das disciplinas de Gramática de Língua Portuguesa I, II e III, que propõem uma abordagem normativa e descritiva da língua, filiando-se a outras concepções de linguagem –, a maioria delas se pauta pela compreensão da linguagem como prática social e meio de interação.

Em cinco disciplinas foi possível observar relações com as DCE. Na disciplina de *Fundamentos da Educação*, ministrada no terceiro ano do curso, a ementa prevê o estudo de propostas curriculares para o ensino de Língua Portuguesa – LP e de propostas de didatização de gêneros discursivos. Aponta, desse modo, para discussões que incluam o ensino preconizado pelas DCE.

Na disciplina *Leitura, Escrita e Oralidade I*, ministrada no primeiro ano do curso, propõe-se: 1) estudo dos gêneros discursivos e sua relação com o ensino de LP; 2) estudo de gêneros acadêmicos, tais como resenha, resumo, artigo científico. Entre os objetivos da disciplina, conforme seu *plano de ensino* vigente para o ano letivo de 2017, estão:

1) **conhecer as teorias interacionistas e discursivas da linguagem**, o que implica que deve contemplar também a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin presente nas DCE;

2) **identificar os gêneros discursivos como formas de organização da língua em uso**, o que faz referência à perspectiva bakhtiniana de que “Os gêneros do discurso organizam nosso discurso [...]” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 283), uma vez que “Falamos apenas através de determinados gêneros, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKHTIN, 2011

⁴ Neste artigo, destacamos as disciplinas em que foi possível estabelecer relação com as concepções e a proposta de ensino das DCELP, seja pela análise do plano de ensino, seja pela análise da ementa.

[1979], p. 282). Nesse sentido, ao identificar os gêneros discursivos como formas de organização da língua, o plano aponta para a concepção de gêneros – e também de enunciado – do Círculo, enfatizando sua relação com a situação de interação;

3) ler, analisar e produzir textos dos diversos gêneros discursivos explorando as práticas da leitura, da escrita e da oralidade na perspectiva enunciativa e discursiva da linguagem, o que aponta para um ensino em consonância com a proposta das DCE, já que é centrado no estudo de textos de diferentes gêneros discursivos e contempla práticas de leitura, escrita e produção textual na perspectiva enunciativa e discursiva – que entendemos fazer referência à concepção de linguagem do Círculo.

O conteúdo programático da disciplina contempla os estudos do Círculo de Bakhtin e dos gêneros discursivos na concepção desse filósofo da linguagem, trabalhando o conceito de enunciado e enunciação, e a natureza dialógica da linguagem. Ainda, as referências do plano apresentam obras do Círculo, como *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Estética da criação verbal*.

Sob esse viés, a disciplina propõe um estudo dos gêneros subsidiado pelos pressupostos bakhtinianos e, portanto, pautado pelas mesmas concepções (de linguagem, de texto e de gêneros discursivos) das DCE.

Nas disciplinas *Leitura, Escrita e Oralidade II e III*, ministradas no segundo e terceiro ano do curso, cujas ementas analisamos, estão previstas discussões sobre a leitura, a escrita, a oralidade e a análise linguística no ensino de LP, olhando para os gêneros discursivos como eixo articulador dessas práticas. Ambas as disciplinas, ao preconizarem um ensino que recorra aos gêneros como ponto de partida para as práticas de uso da linguagem, estabelecem – embora o conceito de texto e de gêneros possa variar e não se garanta um foco discursivo apenas pela ementa – alguma relação com as concepções e o ensino proposto pelas DCE.

Por fim, a disciplina *Estudos Linguísticos II*, em sua ementa, aponta para o estudo de **Bakhtin e o signo ideológico**, o que nos permite inferir que discute a concepção de

linguagem que o filósofo defendia: dialógica, permeada pela ideologia, marcada pelo horizonte axiológico dos falantes. Nesse contexto, compreendemos que também deve ser discutido o conceito de enunciado – central na teoria bakhtiniana – e, uma vez que a ementa também prevê o estudo das **teorias enunciativas e discursivas no contexto de ensino**, é provável que sejam abordados os gêneros no ensino de LP. Desse modo, concluímos que a disciplina estabelece relação com o documento pedagógico do estado do Paraná na medida em que se sustenta em teorias que subsidiam sua proposta de ensino.

A análise do PPP e dos planos de ensino e ementas das disciplinas do Curso 1 permitiu-nos observar que, em geral, estes se pautam por uma concepção de linguagem como prática social, uma vez que consideram sua historicidade, o fato de que a língua varia no uso que dela fazem os falantes e sua relação com o contexto social em que esse uso ocorre.

A concepção de linguagem expressa no PPP é coerente com a das DCE, assim como o é o caminho metodológico adotado pelo curso – o qual também indica que as concepções de texto e de gêneros discursivos subjacentes à licenciatura concordam com as do documento estadual.

No que se referem às disciplinas, em cinco delas observamos relações com as diretrizes estaduais: 1) ao discutir sua proposta, como no caso da disciplina *Fundamentos da Educação*; 2) ao propor um estudo dos gêneros e de sua relação com o ensino que se pautem pela concepção bakhtiniana de linguagem, de texto como enunciado e de gêneros discursivos, como no caso das disciplinas *Leitura, Escrita e Oralidade I, II e III*; 3) ao considerar um estudo dessas teorias, como observamos na ementa de *Estudos Linguísticos II*.

O Curso 1, portanto, estabelece diálogo de concordância com o ensino proposto pelas DCE. Quanto ao Curso 2, apresentamos a análise de seu PPP e disciplinas a seguir.

4. Curso 2

Iniciamos a análise do Curso 2 pelo seu PPP. No que diz respeito à linguagem, o projeto do curso destaca que:

Ela depende do local, do momento, do interlocutor, da finalidade da interlocução, das imagens feitas entre os interlocutores, ou seja, o sentido preciso de um determinado enunciado só pode ser definido em face das condições de produção, do contexto, da situação, da enunciação e do extraverbal, que mostram que o material verbal não é autossuficiente e nem determina o modo de dizer, sendo determinado pelo locutor, em face das condições discursivas em que se encontra e dependendo de seus interesses e objetivos. Pode-se pleitear, portanto, que a linguagem depende da situação comunicativa; e, ao se tomar a situação comunicativa como constituinte da língua, chega-se aos locutores e à posição bakhtiniana de que a linguagem é forma de interação social, de que ela se recria e se refaz em situação de uso prático e de que é provento da atividade humana no seu construir histórico (PPP2).

O PPP, desse modo, mostra que o curso se filia à concepção bakhtiniana de linguagem, segundo a qual o contexto extraverbal da enunciação determina o uso dos recursos da língua, sendo a situação comunicativa indispensável à análise linguística. A ideia é a de que, conforme Bakhtin (2011 [1979]), o enunciado comporta duas faces, uma verbal e outra extraverbal, imbricadas em sua constituição. Ao afirmar que a linguagem **se recria e se refaz em situação de uso prático e de que é provento da atividade humana no seu construir histórico**, o texto aponta o fato de que: “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014 [1929], p. 128), no uso que dela fazem os falantes.

Adiante, afirma-se que, nas Ciências Humanas, a chegada ao objeto de estudo “[...] é sempre intermediada pela chegada de outras pessoas antes e que dizem a sua palavra: a ‘nova’ contemplação não é primitiva, ela é plena de ressonância das vozes dos outros, que vieram e disseram antes” (PPP2). Nesse trecho, observamos uma referência ao dialogismo tal como entendido pelo Círculo de Bakhtin: o enunciado é

concreto e único, é algo “novo”, mas existe numa relação dialógica com o que já foi dito antes sobre o mesmo objeto. Ele é uma réplica às palavras de outros e suscitará novas réplicas sobre si; é, portanto, pleno de vozes sociais. Assim, embora não cite os gêneros discursivos, a concepção de linguagem e de texto assumida pelo curso nesse trecho do PPP corresponde às concepções bakhtinianas e, portanto, às das DCE.

Apesar de assumir tais pressupostos como “concepção filosófica de linguagem do curso” (PPP2), o eixo de organização adotado para as disciplinas da área de LP e Linguística do curso, contudo, não corrobora essa escolha:

O primeiro eixo articulador se refere ao fato de que as disciplinas da área possuem entre si um princípio de organização que vai do particular para o geral ou, em outros termos, dos níveis menores da descrição linguística, para os níveis maiores ou mais amplos, até alcançar, em definitivo, a questão do texto/discurso/sentido. Se o passo inicial são estudos de fonética e fonologia, mais tarde, as reflexões chegam ao texto e ao discurso. Neste caso, tem-se um gradiente que conduz do mais “simples” para o mais “complexo” ou do mais concreto para o mais abstrato: poder-se-ia dizer, correndo risco, do sem sentido para o com sentido pleno (PPP2).

A organização das disciplinas, desse modo, segue o caminho inverso ao proposto por Bakhtin e Volochinov (2014 [1929]), para quem o estudo deve partir primeiro da análise do contexto extraverbal, da situação de interação que motivou o uso da língua, dos discursos, para só depois se preocupar com o exame das formas e dos recursos linguísticos utilizados na enunciação. Isso porque “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014 [1929], p. 117). Logo, para o Círculo de Bakhtin, um estudo que parta do **sem sentido** para o **com sentido pleno** não é coerente.

Assim, levando em conta que as DCE orientam o ensino na ordem do método sociológico bakhtiniano, ao propor um ensino que parta da análise das formas e

estruturas da língua para só depois chegar ao estudo do **texto/discurso/sentido**, o ensino no curso vai na contramão do que é proposto pelo documento estadual.

O PPP assume explicitamente que sua concepção filosófica de linguagem se pauta pelos pressupostos bakhtinianos. Reconhece que a linguagem é dialógica e uma forma de interação social, que a língua é histórica e evolui no uso que dela fazem os falantes e que os enunciados são constituídos de uma face verbal e outra extraverbal, sendo a situação comunicativa constituinte da língua em uso.

Nesse sentido, o PPP, ao tratar dos pressupostos teóricos que subsidiam a área de LP, compartilha da concepção de linguagem e de texto das DCE (PARANÁ, 2008). É curioso, contudo, que os gêneros discursivos não sejam citados em nenhum momento ao longo do PPP e que a organização das disciplinas da área de LP siga o caminho inverso ao proposto por Bakhtin e Volochinov (2014 [1929]) para o estudo da língua, o que nos parece uma incoerência teórica.

Com relação às disciplinas, embora adote os pressupostos bakhtinianos, como a concepção filosófica de linguagem do curso, o PPP aponta para a existência de muitas formas de conceber a linguagem e para os diferentes objetos dos estudos linguísticos. Mesmo entre os que consideram que “[...] uma língua é usada de acordo com o contexto social em que o falante está situado interativamente” (PPP2), há, conforme o documento, diferentes postulados, entre os quais são citados: a Análise do Discurso Francesa, a Linguística do Texto, a Linguística Sociológica, a Pragmática, a Teoria da Dêixis e a Semântica Argumentativa. Assim, o PPP aponta para a necessidade de que

[...] as disciplinas ligadas à Linguística e à Língua Portuguesa não elejam um dentre os pontos de vista delineados e o apresente como o mais pertinente, mas que objetive a sua composição multifacetada. Ela deve buscar dar uma apresentação panorâmica de vários recortes, fazendo-os ser percebíveis como sustentáveis empiricamente e, ao mesmo tempo, limitados com base nestes mesmos dados empíricos (PPP2).

Dessa forma, as disciplinas de LP e Linguística do curso não se pautam por uma única concepção de linguagem e uma única teoria linguística. Ao contrário, procuram possibilitar aos futuros professores o conhecimento de diferentes abordagens dos estudos linguísticos para que eles mesmos possam “[...] eleger a teoria que deverá ser o seu centro de preocupações” (PPP2). Há, portanto, ao longo do curso, disciplinas cujas concepções se aproximam das concepções das DCE e outras que delas se distanciam.

Assim, na análise dos planos e ementas⁵ observamos que as disciplinas, de fato, buscam apresentar aos futuros professores um panorama das diferentes teorias linguísticas. Destacamos, contudo, que há muitas disciplinas no curso que se pautam pela concepção da linguagem como forma de interação, discutindo diferentes teorias que compõem a chamada Linguística da Enunciação⁶. São ministradas no segundo ano do curso *Argumentação e Retórica, Estudos Sociolinguísticos e Linguística Textual*; e no quarto, as disciplinas de *Análise do Discurso e Léxico-Semântica*. O curso enfatiza, portanto, uma compreensão interacionista da linguagem.

Já a relação com as concepções de linguagem, de texto e de gêneros discursivos das DCE está presente em três disciplinas: *Leitura e Produção Textual, Gêneros Discursivos e Filosofia da Linguagem*.

Na disciplina *Leitura e Produção Textual*, ministrada no primeiro ano e cujo plano de ensino analisamos, a ementa propõe um estudo das diferentes concepções sobre

⁵ Neste artigo, destacamos as disciplinas em que foi possível estabelecer relação com as concepções e a proposta de ensino das DCE, seja pela análise do plano de ensino, seja pela análise da ementa.

⁶ Travaglia (1996) destaca que, a partir principalmente da década de 1960, ganharam corpo correntes de estudo que tratam não só do sistema formal da língua, mas também de questões relacionadas ao contexto em que o uso da linguagem verbal ocorre e à variação linguística. Essas teorias, que incluem a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa, a Sociolinguística, entre outras, podem ser reunidas sob o título geral de Linguística da Enunciação. Segundo Costa-Hübes (2008), o que essas correntes têm em comum é o fato de elevarem a interação social à condição de princípio explicativo dos fatos da língua, não mais tratando do estudo de palavras ou de frases isoladas, mas relacionando-as ao texto, ao contexto sócio-histórico e ao(s) usuário(s) que a(s) produziu(iram).

leitura e texto, tratando da prática de produção textual tanto na escola quanto na academia.

Nos objetivos, pretende-se que os futuros professores façam um estudo teórico-prático sobre os conceitos de leitura e produção textual, a fim de que estejam preparados para o ensino nas escolas e, também, para a produção acadêmica que lhes será solicitada ao longo da licenciatura. Para tal, a disciplina prevê análise de atividades de leitura e produção textual trabalhadas nas escolas, bem como de produção de textos dos **gêneros** resumo, resenha, seminário e artigo, todos da esfera acadêmica.

Com relação ao conteúdo programático, inclui a produção textual na universidade. Nele estão a **redação acadêmica**, a **estrutura textual** e o **estilo**, todos voltados à análise da materialidade linguística, de forma que a ênfase parece recair nos recursos linguísticos típicos dos gêneros da esfera científica. Porém, estão previstas também reflexões sobre o público-alvo a quem se destina essa produção, em outras palavras, sobre os interlocutores dos textos dos gêneros dessa esfera. Em nosso entendimento, ao destacar os interlocutores, a disciplina permite entrever que discute também o contexto de produção desses gêneros.

Afinal, conforme Bakhtin e Volochinov (2014 [1929]), os enunciados são sempre determinados pelas condições reais da enunciação e, uma vez que ela é o produto da interação de sujeitos sócio-historicamente situados, isso implica pensar no interlocutor para quem nos dirigimos. Assim, “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 301). Cada gênero pressupõe um tipo de interlocutor, conforme sua função social e esfera comunicativa de produção e circulação. Logo, ao tratar do público-alvo, a disciplina aponta para reflexões sobre o contexto extraverbal de produção dos textos.

A partir daí, são estudados os gêneros resumo, resenha, artigo acadêmico e seminário, atentando, em cada um deles, para seu conteúdo, composição e estilo. Embora não de forma direta, a disciplina aponta para a definição de gêneros numa perspectiva bakhtiniana, reconhecendo que são tipos relativamente estáveis de enunciados que compartilham conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Na sequência, os conteúdos contemplam reflexões sobre a prática de leitura e produção textual na escola. Ao discutir suas diferentes abordagens, a disciplina também prevê discussões sobre a proposta de ensino dos PCN e das DCE, o que é destacado no conteúdo como a visão dos PCN e das DCE a respeito da prática de escrita e das recomendações oficiais para o ensino de leitura: a visão dos PCN e das DCE. Nesse sentido, inferimos que a disciplina também trata da compreensão de linguagem, de texto e de gêneros discursivos que subsidiam essas práticas, estabelecendo relação com as concepções assumidas pelo documento pedagógico estadual. Contudo, embora os PCN e as DCE estejam listados na bibliografia do plano, nenhuma das obras do Círculo consta em suas referências.

A ausência dessas obras evidencia duas possibilidades: a) o trabalho com os gêneros se dá numa perspectiva textual e não discursiva, com ênfase na composição e no estilo dos gêneros – e por isso a disciplina pauta-se na concepção de linguagem interacionista, mas não dialógica; b) é necessário reformular o plano para contemplar em sua bibliografia obras que lhe são basilares.

A disciplina *Gêneros Discursivos*, ministrada no terceiro ano do curso, por sua vez, permite observar uma relação com o documento estadual já no nome: trata-se de disciplina que discute os gêneros discursivos e, portanto, em alguma medida, contempla discussões sobre as concepções presentes nas DCE.

Em sua ementa, uma vez que não dispúnhamos de seu plano de ensino para análise, especifica-se que abordará diferentes perspectivas teóricas sobre os gêneros – do que depreendemos que deve abordar as concepções bakhtinianas também – e

também metodológicas, o que nos leva a inferir que entre as possibilidades de trabalho com os gêneros na *educação básica* discutirá, entre outras, a perspectiva discursiva de ensino de LP proposta pelas DCE.

Por fim, a disciplina *Filosofia da Linguagem*, ministrada no quarto ano da licenciatura, aborda também, conforme sua ementa, a concepção interacionista de linguagem e sua influência no ensino de línguas, de forma que é provável que trate dos gêneros discursivos (ou textuais) abordando também as teorias bakhtinianas. Deixa entrever, dessa forma, discussões que contemplem as concepções de linguagem, texto e gêneros das DCE.

A análise dos documentos do Curso 2 permitiu observar que seu PPP adota como concepção filosófica de linguagem os pressupostos bakhtinianos, filiando-se à mesma concepção de linguagem e de texto das DCE. Contudo não faz nenhuma referência aos gêneros discursivos e estabelece um eixo de organização para as disciplinas de LP – indo da análise das estruturas linguísticas descontextualizadas para os textos e discursos – que é contrário à ordem metodológica para o estudo da língua proposto por Bakhtin e Volochinov (2014 [1929]) e, portanto, contrário também à das *diretrizes estaduais*, o que caracteriza uma incoerência.

No que diz respeito às disciplinas, busca apresentar aos futuros professores um panorama das diferentes teorias linguísticas para que eles escolham aquela que julgam a mais adequada para subsidiar sua prática pedagógica. Destacamos, no entanto, que grande parte dessas disciplinas se pauta pela concepção de linguagem como prática social, de modo que o curso enfatiza uma compreensão interacionista da linguagem na qual a língua é compreendida como histórica e variável, sendo influenciada por fatores extraverbais (culturais, históricos, políticos, sociais).

Já a relação com as concepções de linguagem, de texto e de gêneros discursivos das DCE está presente, entre os planos analisados, principalmente na disciplina *Leitura e Produção Textual*. Mas a análise das ementas deixa entrever a possibilidade de que

essas relações também estejam contempladas, ao longo do curso, em disciplinas como: *Gêneros Discursivos* e *Filosofia da Linguagem*. Logo, há um diálogo, que ora é de concordância, ora de distanciamento – tendo em vista o eixo de organização das disciplinas de LP – entre o PPP e algumas disciplinas do curso com o ensino de LP proposto pelas DCE.

5. Considerações finais

Com esta pesquisa, buscamos aprofundar o entendimento sobre o processo de formação inicial de professores de LP, realizando uma investigação que tem por base a premissa, presente nas DCE (PARANÁ, 2008), de que ensinar LP é mais do que instrumentalizar o aluno para o trabalho com a materialidade linguística, fazendo-o compreender as muitas formas de agir sobre o mundo por meio da linguagem. Para isso, cremos que é necessário que os professores compartilhem desse entendimento, recebendo desde a graduação subsídios para compreender e efetivar esse ensino.

Dessa percepção, surgiu o propósito de investigar dois cursos de Letras de uma universidade pública do Paraná a fim de observar se existe um diálogo entre os PPPs dos cursos e os planos de ensino de suas disciplinas voltadas à formação do professor de LP e o que preconizam as DCE.

Respondendo à pergunta de pesquisa, no que diz respeito à formação inicial do professor de LP, existe um diálogo entre os PPPs dos cursos e alguns de seus planos de ensino (e ementas de disciplinas) e o que preconizam as DCE. Mas essa relação se dá de modo distinto nos dois cursos. O Curso 1 pauta-se pelas mesmas concepções de linguagem, de texto e de gêneros do documento estadual, adotando o estudo de textos de gêneros discursivos diversos como eixo condutor do processo de ensino de línguas na formação inicial. E, em algumas de suas disciplinas, não só discute a proposta de ensino das DCE, como propõe um estudo dos gêneros subsidiado pelas mesmas concepções do documento estadual.

O Curso 2, por sua vez, pauta-se por uma concepção interacionista de linguagem, mas adota um eixo organizador para a área de LP contrário aos pressupostos bakhtinianos para o estudo da língua. Em algumas de suas disciplinas, o curso dialoga com as DCE, mas essa relação se dá mais no sentido de discutir a proposta do documento, as teorias e concepções que a subsidiam do que de pautar as disciplinas por essas concepções.

De toda forma, ambos os cursos estão subsidiados pela concepção interacionista de linguagem e, em geral, suas disciplinas, ao menos no que constam nos documentos, ressaltam que a língua é variável e que a mudança linguística sofre influência de fatores extraverbais – políticos, culturais, sociais, raciais, históricos etc.

Essa constatação é, em nosso entendimento, positiva. Conforme Geraldi (1984), toda e qualquer metodologia de ensino – que nesse caso implica uma concepção de linguagem – articula uma opção política de compreensão e interpretação da realidade. Assim, ao eleger a concepção interacionista como basilar nos cursos, os Colegiados explicitam sua opção política por um ensino includente, que toma as variedades linguísticas como legítimas e o estudo da língua(gem) como um estudo da sociedade e, desse modo, filiam-se a uma proposta de formação de cidadãos mais críticos sobre o mundo que os cerca.

É importante frisarmos, contudo, que as análises, embora pautadas em dados documentais, trazem nossa interpretação sobre os cursos e focam em um determinado aspecto das licenciaturas: sua relação com as orientações e concepções das DCE. Dessa forma, tal análise não é completa, nem definitiva. Mesmo nos aspectos que se propõe a observar, os planos de ensino dos quatro anos – com os quais não pudemos contar nesse momento – poderiam apontar para novas conclusões.

Nossa investigação, desse modo, constitui-se num possível início para outras pesquisas que, dando-lhe continuidade, possam observar como essas orientações trazidas pelos documentos dos cursos se efetivam na prática diária de seus docentes e

como são compreendidas pelos acadêmicos, aprofundando ainda mais as discussões sobre a formação inicial do professor de LP.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/s0101-31731981000100002>.

BAKHTIN, M. (1979). **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BOHN, H. I. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 79-98. DOI: <https://doi.org/10.11606/d.8.2015.tde-19102015-134911>.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAIT, B. Perspectiva Dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-29. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457324390>.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2/2015, de 1 de julho de 2015** – Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. DOI <https://doi.org/10.21573/vol32n012016.65681>. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res_cne_cp_02_03072015.pdf. Acesso em: 10 jul. 2017.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução: Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i8.359>.

COSTA-HÜBES, T. da C. Por uma concepção sociointeracionista da linguagem: orientações para o ensino da língua portuguesa. **Línguas & Letras**. Ed Especial XIX CELLIP, p. 73-97, 1º semestre/2011.

FARACO, C. A. **As Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v12i1.10544>.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná: Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008. DOI: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v7i1.34006>.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

VOLOCHINOV, V. N. (1930). **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Artigo recebido em: 25.04.2018

Artigo aprovado em: 13.11.2018